

ANACRONISMO BIOLÓGICO: A GÊNESE DO MAL-ESTAR NA MODERNIDADE

BIOLOGICAL ANACHRONISM: THE GENESIS OF MALAISE IN MODERN TIMES

ANACRONISMO BIOLÓGICO: GÉNESIS DEL MALESTAR EN LA MODERNIDAD

Anderson Bernardi¹
Nicole Geraldine de Paula Marques Witt²

Resumo

O presente trabalho analisa a relação entre as configurações biológicas ainda primatas do ser humano em interação com o inédito ambiente artificial e tecnológico da modernidade, com a finalidade de averiguar a origem precípua do mal-estar psicológico vivenciado pelo sujeito contemporâneo. A predileção pelo tema é fruto da expectativa de chegar-se a constatações basilares que permitam nortear nossas condutas em um universo caótico e indiferente às preocupações dos indivíduos que nele residem. Somos seres sencientes; soa-nos mais importante como nos sentimos que o que fazemos. De modo a saciar os impulsos primordiais à sobrevivência e perpetuação, as emoções servem como bússola existencial. Porém, em 99,5% do tempo desde que existem espécies hominídeas, vivemos como caçadores-coletores. Ou seja, ainda portamos mentes e corpos de selvagens; um organismo preparado para responder a um ambiente pré-histórico que não faz mais parte do nosso cotidiano. Seja dito, nosso sistema biológico tornou-se anacrônico. Nossas escolhas não vão muito além do que tentar readaptar tais anseios primatas a um mundo artificial. Doravante, faz-se imprescindível uma nova compreensão que supere o ideário mecanicista provocado como resposta à ruptura entre a tradição herdada e o estabelecimento da autonomia da razão.

Palavras-chave: Adaptação. Evolução. Tecnologia. Genética. Emoções.

Abstract

The present work analyzes the relationship between the still primate biological configurations of the human being in interaction with the unprecedented artificial and technological environment of modernity, with the purpose of verifying the main origin of the psychological malaise experienced by the contemporary subject. The predilection for the theme is the result of the expectation of arriving at basic findings that allow us to guide our conduct in a chaotic and indifferent universe to the concerns of the individuals who reside in it. We are sentient beings; it sounds more important to us how we feel than what we do. In order to satiate the primary impulses for survival and perpetuation, emotions serve as an existential compass. However, 99.5% of the time since hominid species exist, we lived as hunter-gatherers. That is, we still carry minds and bodies of savages; an organism prepared to respond to a prehistoric environment that is no longer part of our daily lives. Be it said, our biological system has become anachronistic. Our choices do not go much further than trying to re-adapt these primate yearnings to an artificial world. Henceforth, a new understanding is needed that surpasses the mechanistic ideology provoked in response to the rupture between the inherited tradition and the establishment of the autonomy of reason.

Keywords: Adaptation. Evolution. Technology. Genetics. Emotions.

Resumen

Este trabajo analiza la relación entre las configuraciones biológicas, todavía de primates, del ser humano, en interacción con el inédito ambiente artificial y tecnológico de la modernidad, con la finalidad de verificar el origen esencial del malestar psicológico del sujeto contemporáneo. La preferencia por el tema es fruto de la expectativa de se llegar a constataciones de base, que permitan orientar nuestras conductas en un universo caótico e indiferente a las preocupaciones de los individuos que en él habitan. Somos seres sintientes; nos suena más importante como nos sentimos que lo que hacemos. De forma a saciar los impulsos primordiales a la supervivencia y a la

¹ Aluno do curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Internacional UNINTER. anderson.bernardi@live.com

² Professora Especialista da Área de Geociências do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: nicole.w@uninter.com

perpetuação, las emociones sirven como brújula existencial. Sin embargo, el 99,5% del tiempo desde que existen las especies homínidas, vivimos como cazadores-recolectores. Es decir, todavía tenemos mentes y cuerpos de salvajes; un organismo preparado para responder a un ambiente prehistórico que ya no corresponde a nuestro cotidiano. Es decir, nuestro sistema biológico se ha vuelto anacrónico. Nuestras escogencias van mucho más allá de un intento de readaptación de tales deseos originarios a un mundo artificial. En adelante, se hace imprescindible una nueva comprensión, que supere el ideario mecanicista generado como respuesta a la ruptura entre la tradición heredada y el establecimiento de la autonomía de la razón.

Palabras-clave: Adaptación. Evolución. Tecnología. Genética. Emociones.

1 Introdução

Nos perguntarmos sobre nossas origens; é a pergunta mais importante que podemos fazer como seres conscientes. Tal reflexão é basilar, afeta diversos aspectos da vida; norteia o pouco de liberdade da qual gozamos. Nossa espécie já esteve sob diversos habitats, culturas e regimes políticos ao longo da história, mas no fundo o que realmente miramos é como nos sentimos e não o que fazemos. Quando falamos em sentir-se, falamos sobre os afetos causados pelas emoções. Somos guiados por dois impulsos primordiais à vida: sobreviver e perpetuar. Através das emoções, nosso organismo oferece feedbacks de progresso ou revés. Funciona como uma bússola orientadora na tomada de decisões. Entretanto, não podemos mais usá-las como parâmetro. Tal sistema tornou-se anacrônico.

Nós não temos uma compreensão objetiva da realidade, pois estamos imersos junto com tudo que existe. O que um peixe sabe das águas nas quais nada a vida inteira? Interpretamos a realidade sob determinadas relações, e ao percebermos que certas coisas nos fazem bem e outras nos afetam negativamente — algumas promovem nossa existência e outras a ameaçam — valorizamos umas como boas e outras como más.

Essas constatações provêm da forma como nos sentimos, a qual é predeterminada pelos nossos instintos e emoções na sua interação com o ambiente. Porém, existem espécies homínidas há cerca de dois milhões de anos, mas somente nos últimos dez mil anos, 0,5% desse tempo, vivemos como animais civilizados (WINSTON, 2010). Nossas mentes e corpos ainda são de caçadores-coletores; nós nos auto-domesticamos, e a isso chamamos vida em sociedade. Ou seja, nossos corpos e mentes estão preparados para responder a um mundo pré-histórico e selvagem que não faz mais parte do nosso dia-a-dia. Seria essa a gênese do mal-estar na modernidade?

Para o alcance de tal indagação, optou-se pela pesquisa bibliográfica de ordem qualitativa; abordagem que prioriza a análise de aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Dessa forma, tentou-se fazer abrolhar uma amálgama entre os

imperativos genéticos e ambientais levando em conta o relacionamento do sistema emocional com os aparatos artificiais e tecnológicos do mundo moderno.

Por meio de escritos e ditos, entre outras fontes, de autoridades na temática — que serviram para fomentar tanto o arcabouço teórico quanto a construção da perspectiva que se pretende evidenciar — inferiu-se que se faz necessário, doravante, um novo paradigma que supere o ideário mecanicista cartesiano, o qual foi provocado pela ruptura entre a tradição herdada e o estabelecimento da racionalidade no mundo moderno.

2 O Anacronismo

Nós humanos somos incríveis máquinas de sobrevivência. Um arranjo ocasional e magnífico arquitetado pela natureza ao longo de bilhões de anos de evolução: um supercérebro acoplado a um competente sistema digestivo, em um corpo bípede, que através de cinco vias sensoriais distintas capta e processa informações para, então, dar uma resposta comportamental. Nossos instintos ágeis multiplicados por uma mente criativa nos permitiram otimizar a sobrevivência. Hoje, devido às tecnologias, temos as necessidades saciadas com muito menor esforço comparado às dificuldades enfrentadas por nossos ancestrais hominídeos. Em decorrência, ganhamos tempo hábil para dedicarmos nossas existências não apenas a tentar sobreviver; dir-se-ia que agora podemos viver (no sentido romântico do termo). Mas, será que tal alvedrio converteu-se em prol do bem-estar?

Todas as espécies são capazes de produzir uma prole maior do que o ambiente suporta. As variadas configurações genéticas, que surgem espontaneamente nos novos indivíduos, geram grande possibilidade de que, ao menos algumas, coincidam com as prováveis transformações do habitat; elas são selecionadas naturalmente. Podemos dizer, então, que uma espécie evolui ao adaptar-se às exigências ecológicas impostas pelo entorno, e que tais evoluções quase sempre ocorrem em sincronia com as alterações do ambiente. Porém, nos últimos 10 mil anos — após a invenção da agricultura, cidades e tecnologias — nosso planeta sofreu mais alterações do que nos 50 mil anos anteriores. Cá surge o revés: agora vivemos em um mundo que é transfigurado, por nós, em uma velocidade aparentemente maior do que a evolução consegue acompanhar de maneira eficaz. Isto é, nem nosso organismo, nem nossa psique, e de certa forma, nem o ecossistema conseguiram se ajustar a tais mudanças repentinas, de carácter inédito na natureza (no sentido de ser incomum, essas grandes mudanças ambientais não são incitadas por fenômenos naturais, mas por indivíduos: a invenção do artificial). Nossas

funcionalidades biológicas são anacrônicas, pois evoluíram como respostas adequadas a um mundo pré-histórico que não existe mais.

Nosso cérebro e nossa mente são adaptados para uma vida de caça e coleta. Nossos hábitos alimentares, nossos conflitos e nossa sexualidade são todas consequências do modo como nossa mente de caçadores-coletores interage com o ambiente pós-industrial de nossos dias, com megacidades, aviões, telefones e computadores. Esse ambiente nos dá mais recursos materiais e vida mais longa do que a desfrutada por qualquer geração anterior, mas também nos faz sentir alienados, pressionados e deprimidos (HARARI, 2014, p. 46).

Os cientistas, em sua maioria, concordam que há mais ou menos 50 mil anos parte da África estava povoada por hominídeos idênticos a nós. “Se um deles aparecesse em um necrotério moderno, o patologista local não notaria nada peculiar” (HARARI, 2014, p. 18). Desse modo, é como se nosso corpo fosse um aparelho de GPS portando um mapa desatualizado. Isto é, possuímos respostas internas inadequadas aos estímulos externos inéditos propiciados pelo mundo artificial. Acabamos tendo que sublimar³ tais impulsos anacrônicos. Nosso cérebro continua a interpretar como favorável quando agimos de forma semelhante aos comportamentos que eram benéficos à sobrevivência e perpetuação na vida pré-histórica. Muito do que fazemos não é muito além do que tentar readaptar esses anseios primatas ao mundo atual. Daí emergem certas armadilhas. Como indagou Dostoiévski (2016, p. 518), “toda a gente se arranja como pode e, de todos, aquele que melhor vive é o que melhor sabe iludir--se a si próprio”.

Então, talvez a felicidade seja sincronizar nossas ilusões pessoais de sentido com as ilusões coletivas predominantes. Contanto que minha narrativa pessoal esteja alinhada com as narrativas das pessoas à minha volta, posso me convencer de que minha vida tem sentido e encontrar felicidade nessa convicção. Essa é uma conclusão um tanto deprimente. A felicidade realmente depende de autoilusão? (HARARI, 2014, p. 41).

3 O artificial

A transição primeiro para a agricultura (há 12 mil anos), depois para as cidades (há 5 mil anos) e finalmente a revolução científica (industrialização e tecnologias, nos últimos 500 anos), nos afastou cada vez mais de nossa natureza primária.

Na revolução agrícola, os humanos começaram a deixar a vida de caçador-coletor para trás, seduzidos pela ideia de controle (domesticação de animais e plantas), que lhes prometia uma vida melhor. Mas não foi bem isso o que aconteceu. O próprio homem acabou se auto-

³ A sublimação, na psicanálise, é um tipo de mecanismo de defesa maduro, no qual impulsos ou idealizações socialmente inaceitáveis são transformados em ações ou comportamentos socialmente aceitáveis.

domesticando. A vida de caçador-coletor permitia atividades mais variadas que, por sua vez, eram mais estimulantes. Ter de ficar preso em um único lugar o dia todo, plantando sementes, não era tão prazeroso quanto a vida nômade. O homem começa a se pré-ocupar com o futuro das coisas externas. Afinal, antes não era necessário se importar tanto com o clima, com o florescimento das plantas, nem com a alimentação dos animais.

O primeiro homem que inventou de cercar uma parcela de terra e dizer, “isto é, meu”, foi o autêntico fundador da sociedade civil. De quantos crimes, guerras, assassínios, desgraças e horrores teria livrado a humanidade se aquele, arrancando as cercas, tivesse gritado: Não, impostor (ROUSSEAU, 2017, p. 48).

A revolução agrícola proporcionou uma quantidade maior de alimentos em detrimento da variedade. A dieta da vida selvagem era ditada pela diversidade vegetal e pela estação do ano. Os primeiros agricultores tinham à disposição uma variedade pequena de sementes, as quais acabavam sendo a base de suas dietas o ano inteiro (HARARI, 2014). Essa perda da qualidade nutritiva os deixava mais expostos a doenças. Podemos dizer que o homem começou a trabalhar muito mais do que antes em troca de uma alimentação pior. Além disso, pode ter havido raciocínios do tipo: “se minha família for maior, mais gente para trabalhar”, acendendo a explosão populacional. “Se nossa mente é a dos caçadores-coletores, nossa culinária é a dos antigos agricultores. As plantas domesticaram os sapiens e não o contrário. Essa é a essência da Revolução Agrícola: a capacidade de manter mais pessoas vivas em condições piores” (HARARI, 2014, p. 83).

A segunda grande transgressão da humanidade é o advento da vida em sociedade nas cidades. Nossa espécie abre mão definitivamente de sua liberdade por uma falsa sensação de segurança. Nossos ancestrais primitivos viviam em bandos com cerca de 50 indivíduos. Uma quantidade que permite certo equilíbrio coletivo (WINSTON, 2010). Continua a ser a quantidade média do nosso círculo social próximo, o tanto que nosso cérebro consegue gerenciar. Quando sociedades maiores se estabeleceram, as pessoas precisaram depositar suas esperanças em grandes líderes para poderem manter a estabilidade social; as castas começam a se formar.

O “lar”, antes da revolução agrícola e da vida nas cidades, era todo o território: as montanhas, os campos, as florestas, os rios. Quando os humanos foram seduzidos pela ambição de controle (agricultura) e segurança (cidades), desenvolveram um forte vínculo psicológico com as quatro paredes que chamamos de casa (HARARI, 2014). As pessoas passam a viver cada vez em grupos maiores, porém se tornaram cada vez mais solitárias.

As primeiras cidades possibilitaram a divisão de tarefas fundamentais à sobrevivência em pequenos nichos. Os indivíduos puderam contar ainda mais com as habilidades dos outros para sobreviver. A partir daí, não é mais preciso se afligir com todas as esferas da vida; pelo menos não diretamente. Hoje a humanidade tem mais recursos à disposição comparada aos seus antepassados, no entanto essas facilidades têm como consequência o menor desenvolvimento das capacidades individuais.

Por fim, a revolução científica não foi uma revolução do conhecimento. Foi admitirmos a nossa ignorância perante o todo. Quando deixamos o dogmatismo de lado e aceitamos não ter respostas para as principais perguntas que somos capazes de formular, permitimo-nos olhar para lacunas que eram antes preenchidas por mitos e crenças. Porém, grande o poder, grande as consequências.

As novas condições e relações de trabalho provocadas pela revolução industrial trouxeram implicações psíquicas. O lar foi substituído por pavilhões ditados por regras próprias. O mundo se divide em dois: a casa e a fábrica, cada um com seus modos de agir. Os sujeitos, antes, trabalhavam em suas casas, produziam as próprias ferramentas e eram responsáveis por todo o processo de produção, da matéria-prima à venda. Tinham o controle da produção e do tempo de trabalho. Nas fábricas eram submetidos a longas jornadas onde eram responsáveis por apenas uma única tarefa. Os trabalhadores perderam o conhecimento sobre toda a produção, o que Karl Marx denominou alienação, ficando encarregados somente de executar ordens preestabelecidas sem os seus consentimentos. Não havia mais necessidade de pensar. Se antes o artesão era um mestre em seu ofício, depois se transformou em um mero operador de máquinas (MARX, 1968).

Nos anos 40 do século passado, algumas nações dispuseram um incrível esforço e investimento no estudo da física atômica com o intuito de fabricar armas nucleares. Agora somos capazes de dizimar nações inteiras com um simples apertar de botão (EAGLEMAN, 2011). Desde lá, convivemos com o medo de que, de uma hora para a outra, algum líder fanático decida que, para atingir seus objetivos egoístas, precise acabar com comunidades inteiras. Devido ao distanciamento físico-geográfico, a tecnologia nos permite a crueldade que antes só era possível ser praticada por um psicopata. Ou seja, sem envolver as emoções.

Cada avanço tecnológico, que visa beneficiar nossas vidas, na verdade, pode nos afastar cada vez mais das condições adequadas. Facilitar a sobrevivência com o artificial implica em necessitar menos do desenvolvimento das próprias habilidades. Apesar das transformações que fomos capazes de provocar no mundo externo, nosso mundo interior continua o mesmo

(WINSTON, 2010). Nossas mentes e corpos ainda são da idade da pedra, estão ajustadas para a vida de caçadores-coletores.

A humanidade criou um mundo frio e mecanicista mal adaptado a nossas necessidades reais. A evolução moldou nossa mente e nosso corpo para a vida de caçadores-coletores. A transição primeiro para a agricultura e depois para a indústria nos condenou a levar uma vida antinatural que não permite expressar plenamente nossas inclinações e nossos instintos inerentes e, portanto, não é capaz de satisfazer nossas aspirações mais profundas. Nada na vida confortável da classe média urbana pode se aproximar do entusiasmo e da alegria experimentados por um bando de caçadores-coletores após a caçada bem-sucedida de um mamute. Cada nova invenção só aumenta a distância entre nós e o jardim do Éden (HARARI, 2014, p. 387).

Alguns historiadores, sociólogos, antropólogos e biólogos consideram o período paleolítico superior, mais ou menos 30 mil anos atrás, o clímax da evolução humana (HARARI, 2014). Há evidências de que nosso cérebro diminuiu desde lá (WINSTON, 2010). A sobrevivência naquela época exigia de cada indivíduo habilidades mentais e corporais muito mais elaboradas, que possibilitavam o pleno aprimoramento das potencialidades humanas, em uma proporção maior comparada aos hábitos estabelecidos e requeridos pela vida na modernidade.

Não basta a mera existência de mecanismos cerebrais específicos para que eles funcionem de forma íntegra. O desenvolvimento e o bom desempenho do cérebro dependem da recepção de estímulos apropriados, e no tempo certo, do ambiente (PINHEIRO, 1994). As experiências vivenciadas por um indivíduo desempenham um papel basilar na sua formação. Desta maneira, a herança genética funcionaria como a planta e o ambiente como o engenheiro.

A coletividade humana conhece, hoje, muito mais do que os bandos antigos. Mas, no nível individual, os antigos caçadores-coletores foram o povo mais conhecedor e habilidoso da história. A sobrevivência naquela época exigia o máximo de cada indivíduo. Quando a agricultura e a indústria surgiram, as pessoas puderam contar cada vez mais com as habilidades de outros para sobreviver, e se abriram novos nichos para “ignorantes”. Um indivíduo podia sobreviver e transmitir seus genes obtusos para a geração seguinte trabalhando como carregador ou como operário em uma linha de montagem. Os caçadores-coletores dominaram não só o mundo dos animais, plantas e objetos à sua volta como também o mundo interno de seu próprio corpo e sensações (HARARI, 2014, p. 55).

O progresso tecnológico pode gerar consequências inimagináveis. Para demonstrar isso, vamos às raízes. Peguemos, como exemplo, uns dos primeiros usos de uma tecnologia: a lança e o arco-flecha (usados pelos caçadores na pré-história). Como explica Harari (2014), a posição do gênero *Homo* na cadeia alimentar era intermediária até pouco tempo atrás. Durante milhares de anos os humanos caçaram animais menores que eles à medida que eram caçados por predadores maiores. Somente há mais ou menos 400 mil anos, várias espécies de homínídeos

começaram a caçar animais grandes de maneira regular. As lanças e as flechas, aerodinâmicas e pontiagudas, permitiam atirar em presas maiores de distâncias seguras, evitando enfrentá-las em um combate corpo a corpo.

Devido às novas tecnologias de caça desenvolvidas, nossa espécie deu um salto —do meio, direto para o topo da cadeia alimentar —; mas isso teve enormes sequelas. Tomemos outro animal que está no topo da pirâmide, como os leões. Eles evoluíram para essa posição gradualmente em um processo que levou milhões de anos, permitindo que o meio ao seu redor estivesse em sincronia com tal evolução. Isso possibilitava que o ecossistema desenvolvesse formas de compensação, impedindo que esses animais causassem desequilíbrio ambiental. À medida que os leões se tornavam mais ferozes, as zebras melhoraram suas estratégias de fuga, as gazelas ficaram mais velozes e os rinocerontes mais fortes.

A humanidade subiu ao topo tão rápido que o ecossistema não conseguiu acompanhar e se ajustar. Aliás, nem os próprios humanos conseguiram. Os maiores predadores da natureza são criaturas poderosas, cheias de confiança em si mesmas, proporcionada por milhões de anos de soberania. Nós, tendo sido até pouco tempo atrás uma espécie reprimida por outros animais, somos inseguros, cheios de medos e ansiedades.

Isso é fundamental para compreendermos nossa psicologia. Se somos os predadores mais perigosos, se estamos no topo da cadeia alimentar, ainda não nos sentimos assim; sentimo-nos como presas. Para o nosso sistema emocional ainda estamos em uma posição intermediária, como se existisse um grande risco de não voltarmos à noite por sermos atacados por um tigre ou um urso no caminho de casa.

4 Emoções

Os processos mentais/emocionais são determinados por um complexo sistema bioquímico. Medo, raiva, tristeza e felicidade correspondem a padrões inatos e são as quatro emoções básicas do ser humano; delas derivam-se as demais sensações. Todas tiveram um propósito e foram fundamentais para o nosso desenvolvimento psicológico e para a nossa sobrevivência (GOLEMAN, 1995). Por exemplo, gravar fortemente na memória um acontecimento considerado perigoso, recordando-o constantemente de forma a ser afetado fisicamente pela sua lembrança, era vantajoso na vida pré-histórica, pois impedia o indivíduo de cometer equívocos similares. E exatamente por terem sido “projetadas” para responder a esse mundo primata, devido a tal dessincronização, não podemos confiar cegamente nos feedbacks que as sensações nos oferecem.

O medo surge em uma situação julgada pela nossa psique como ameaça. Milhões de neurônios disparam e calculam que a probabilidade de dano é alta. Os processos acionados preparam o corpo para a fuga: o sangue é bombeado para as pernas e a adrenalina entra em ação. Aparentemente um mecanismo ainda vital, se não fosse pelo fato de que a maioria dos inputs que o ativam são os que eram interpretados como perigo na antiga savana africana. Grande parte dos nossos receios tornaram-se irracionais, pois suas causas não fazem mais parte do nosso cotidiano.

A raiva é uma emoção que visa reparar uma frustração interpretada como injusta. Possibilita, assim, a restauração do sentimento de integridade do indivíduo. Sua principal função é a defesa pessoal. Os batimentos cardíacos aceleram e o sangue é bombeado para os punhos, preparando o corpo para o combate. No entanto, não precisamos mais disputar no braço, em um combate corpo a corpo, por nossas necessidades básicas. A raiva é uma das emoções mais sedutoras. Devido à atividade hormonal, nos sentimos empoderados. Uma contração nervosa que se acumula e se intensifica enquanto não aliviada. Qual seria a sua utilidade em nossos tempos? Conforme refletiu Epicuro (1998, p. 512) “A justiça é a vingança do homem em sociedade, como a vingança é a justiça do homem em estado selvagem”.

A tristeza realiza um trabalho importante de integração e de reparação. Funciona como um ajustamento relativo a uma grande perda, que pode ser de alguém, de algum objeto significativo, de uma esperança ou expectativa. Normalmente depois de um período de tristeza segue-se uma sensação de alívio pela libertação da tensão através do choro e a aceitação da realidade, abrindo a possibilidade de novos investimentos. A tristeza obriga o sujeito a parar e pensar sobre o acontecido, pois acarreta uma redução da atividade metabólica, gerando uma perda de energia e entusiasmo pelas atividades habitualmente praticadas. Uma forma de oportunizar a reflexão sobre quais foram os fatores do evento que tanto o afetou, para precaver-se de situações parecidas vindouras. É provável, também, que a perda de energia tenha funcionado por manter os indivíduos vulneráveis perto de suas aldeias, onde estariam mais seguros (GOLEMAN, 1995). Porém, os acontecimentos que induzem à tristeza eram favoráveis para a sobrevivência na vida pré-histórica; suas causas são arcaicas. Hoje, muitas vezes sentimo-nos tristes sem saber por que, uma tristeza que não é nossa.

Somos animais sociais, por isso nossas emoções são tão estreitamente ligadas ao outro. Nossos ancestrais dependiam muito do grupo, de forma direta. Eles viviam em comunidades solidárias, cuidavam-se entre si e se conheciam intimamente. A troca da vida tribal pela vida em grandes cidades pode ter facilitado algumas práticas, em detrimento da qualidade e profundidade das relações íntimas. Os grupos se tornaram cada vez maiores, mas as pessoas se

sentiram cada vez mais isoladas. Também, os recursos artísticos e de entretenimento aumentaram ao longo da história. Porém nossa capacidade perceptiva, aparentemente, declinou.

Em particular, os românticos enfatizam que nosso mundo sensorial é muito mais pobre se comparado com o de nossos ancestrais. Os antigos caçadores-coletores viviam o momento presente, e tinham plena consciência de cada som, sabor e odor. (...) Sua sobrevivência dependia disso. Nós, ao contrário, estamos terrivelmente sem foco. Podemos ir ao supermercado e escolher comer mil pratos diferentes. Mas, qualquer que seja o prato escolhido, provavelmente o comeremos às pressas diante da TV, sem prestar atenção ao sabor. Podemos viajar para mil lugares incríveis. Mas, para onde quer que formos, provavelmente estaremos brincando com nosso smartphone em vez de realmente ver o lugar. Temos mais opções do que nunca, mas quão boas são essas opções, se perdemos a capacidade de prestar atenção realmente? (HARARI, 2014, p. 387).

5 Educação

A educação na primeira infância, e a vida civilizada no geral, têm como uma das principais características a domesticação dos instintos; substituir o impulso natural pelas regras sociais. Troca o prazer singular pela realidade social, o desejo bruto pelo desejo socializado. Quando uma criança entra na escola, deve seguir normas de conduta que vão contra seus anseios inatos (FREUD, 2011). A criança não aprende a lidar com seus sentimentos da forma mais adequada, e sim, na marra, instrui-se a reprimi-los para não ser repreendida pelos seus tutores. Para cada adolescente formado que sai da escola, sai junto uma criança imatura que não sabe lidar com as próprias emoções. Nietzsche dizia, em suas máximas, que “a maturidade do homem consiste em haver reencontrado a seriedade que tinha ao brincar quando criança” (NIETZSCHE, 2015, p. 81).

Quando não damos uma resposta adequada a uma emoção não a saciamos: a reprimimos. Fomos criados com a premissa de que expressar a raiva é altamente condenável, e que a manifestação da tristeza ou do medo são sinônimos de fraqueza, portanto devem ser evitadas. A falta de permissão para expressar livremente os sentimentos leva a processos de negação, repressão ou distorção das sensações (FREUD, 2011).

As emoções são respostas instantâneas de estímulos externos e internos, com isso geram sentimentos. Contudo, como a maioria das outras funções instintivas, se tornaram inadequadas na vida do mundo moderno. Sendo assim, ainda devemos valorizar a felicidade como o vetor principal?

6 Felicidade

Podemos vê-la como um guia existencial, ao direcionar nossas ações, ou como um grande abismo ao qual nos jogamos espontaneamente por falta de opção melhor. Nos sentimos felizes toda vez que nosso cérebro interpreta que tomamos condutas favoráveis à sobrevivência ou à reprodução (ou nos encoraja para tanto). Nesse momento, através da liberação de hormônios específicos do bem-estar, a felicidade surge como recompensa. Mas também como promessa de que a mesma sensação emergirá se tais comportamentos forem repetidos. Uma sagaz artimanha engendrada pela natureza ao longo da evolução.

Parecido com o que acontece com os hormônios que proporcionam o crescimento, os neuro-hormônios que causam as sensações agradáveis, comumente, são produzidos em uma quantidade próxima, pouco mais, pouco menos, de satisfazer tal mecanismo. Portanto, tentar ser mais feliz é tão eficaz quanto tentar ser mais alto.

Como dissemos, quando fazemos algo que aumenta nossas possibilidades de sobreviver ou de procriar, nos sentimos muito bem; tanto que vamos querer repetir a experiência diversas vezes. Porém, esse bem-estar é um fenômeno episódico que gera uma busca incessante. Essa “caçada por cenouras” promove a nossa sobrevivência em longo prazo, oportunizando misturar nossos genes com um número maior de parceiros. As leis que governam a felicidade não foram arquitetadas, primordialmente, para o bem-estar psicológico dos indivíduos, mas para aumentar a probabilidade de perpetuação da espécie.

Nosso cérebro evoluiu para prever exageradamente a felicidade e o sucesso, porque fazê-lo torna a saúde e o progresso mais prováveis. Porém, nosso sistema bioquímico está programado para manter os níveis de satisfação relativamente constantes. A felicidade é projetada para evaporar. Há uma razão evolutiva para isso, se a felicidade que vem após o sexo, por exemplo, não acabasse nunca, então os animais copulariam apenas uma vez na vida (VERSIGNASSI; REZENDE, 2012). O orgasmo é o prazer natural mais intenso. O clímax é a recompensa final de uma prática que proporciona a propagação da espécie, o truque de que se vale a natureza para conseguir seus fins (SCHOPENHAUER, 2000). Diferente da reprodução assexuada, a posterior reprodução sexuada mistura os genes dos genitores gerando uma grande variabilidade genética. Diversidade é sinônimo de aumento da expectativa de adaptação. Afinal de contas, quanto mais sujeitos distintos surgirem (biocobaias?), mais chances de ao menos alguns se adaptarem.

A felicidade e a infelicidade exercem um papel na evolução somente na medida em que encorajam ou desencorajam a sobrevivência e a reprodução. Talvez não cause surpresa, então, que a evolução tenha nos moldado para sermos nem felizes demais, nem infelizes demais. Ela nos permite sentir um ímpeto momentâneo de sensações agradáveis, mas estas nunca duram para sempre. (...) Nossas ações não são parte de

um plano cósmico, e, se o planeta Terra explodisse amanhã, o universo provavelmente seguiria em frente como de costume. Até onde podemos afirmar no presente momento, a subjetividade humana não faria falta. Portanto, qualquer significado que as pessoas atribuem à própria vida é apenas uma ilusão (HARARI, 2014, p. 395).

7 Considerações finais

O bem-estar como algo inatingível de forma perene propicia a cata por hábitos que favoreçam a nossa sobrevivência ao longo de toda uma existência. As boas sensações surgem como uma espécie de gratificação, recompensas por ter se tido condutas que, com exceção das armadilhas provocadas pelo mundo moderno, nos beneficiam. Os breves instantes que almejamos repetir, a felicidade, não passam de um recurso fisiológico sofisticado, sistematizado pelo organismo. Mas ao invés de ver tal hipótese de forma pejorativa, podemos nos proporcionar um novo viés de algidez: não há mais por que se preocupar tanto com esse bel-prazer. E, talvez, seja este o paradoxo: a melhor estratégia para buscar a felicidade seja se preocupar menos em ser feliz.

A perspectiva geral evidenciada no presente artigo deduz que o mal-estar vivenciado pelo sujeito moderno é oriundo de uma dessincronização entre as características do seu aparelho fisiológico e os inéditos estímulos propiciados pela vida na modernidade. A transição primeiro para a agricultura, depois para as cidades e, finalmente, a revolução científica nos afastou cada vez mais de nossa natureza primária. A velocidade com que se sucederam tais processos violou o ritmo natural e autossustentável do ecossistema. Deixou-nos sem respostas para os novos estímulos que nós mesmos criamos. Se a marcha continuar no mesmo andamento, neste momento somos apenas um estado de transição na evolução humana. “Uma versão beta, esperando atualização, em um mundo alfa”.

Além de formar-se um perigoso sistema de retroalimentação: o homem é modificado pelo meio que ele mesmo modifica. Nossa espécie evoluirá como resposta às mudanças das quais ela é a principal responsável. O ser humano se torna, ao mesmo tempo, criador e criatura. Um deus cego de si próprio.

As considerações não se esgotam aqui. Demos foco ao relacionamento anacrônico que se produz entre o ambiente artificial e as emoções ainda arcaicas. Contudo, as implicações vão muito além do mundo das sensações. Se o que realmente nos interessa é como nos sentimos e não o que fazemos, nosso comportamento atual é uma tentativa de readaptar tais impulsos primatas à vida contemporânea. Sublimação que nos deixa confusos, nos faz nos sentir alienados e deprimidos. Desiguais em nossas predisposições, alguns calam esse vazio se

afundando na ilusão do consumo. Outros trapaceiam, barganham, falsificam e enganam conforme sopeiam o apogeu do que definem como triunfo: superioridade aos outros homens.

O progresso tecnológico desenfreado pode acarretar resultados inimagináveis, não apenas para nossa espécie. A biotecnologia traz consigo dilemas os quais não estamos preparados para resolver. Em breve seremos capazes de manipular nosso sistema bioquímico de forma a predeterminar as qualidades de nossas sensações. O mais assustador não é o fato de que poderemos decidir como vamos nos sentir, mas, sim, que nossas escolhas, o que denominamos humanidade, são baseadas em como nos sentimos.

O equívoco pode se dar em ver o anacronismo como fonte do mal-estar. Essa desarmonia é apenas a consequência das nossas escolhas ao longo da história. O título do presente trabalho poderia muito bem ser: “Modernidade, a gênese do mal-estar”. Nosso corpo espera avidamente pelos estímulos adequados, para que, então, possa dar as respostas almejadas. Tal paraíso, quem sabe, talvez ainda não esteja perdido. Arriscamo-nos a ver o mal-estar, a perda de significado existencial experimentada em nossos tempos, como um sinal. Ao invés de lamentarmos a inópia das condições satisfatórias, podemos tentar retornar ao rumo natural.

A modernidade costuma ser entendida como um ideário relacionado ao projeto empreendido a partir da transição teórica operada por Descartes. Uma ruptura da tradição herdada estabelecendo a autonomia da razão, o que teve enormes repercussões sobre a ciência, filosofia, cultura, principalmente das sociedades ocidentais, o que conduziu ao anacronismo biológico.

Temos que ser claros sobre o que significa uma teoria científica: nada além de um método de investigação restrito por um conjunto de regras que compara o modelo previsto com observações empíricas e vice-versa. Tais arquétipos não existem fora da nossa imaginação. Essa visão mecanicista do mundo nos fez confundir o modelo com o original. Já se faz hora de superarmos esse entendimento em prol de uma nova compreensão. As partículas que compõem a matéria não existem independentemente, são essencialmente um conjunto de relações que se estendem para se conectarem umas às outras. A vida é um aglomerado padronizado de probabilidades conectivas. O caráter essencial da matéria não está no seu estado físico, mas nas conexões. No nível subatômico há uma troca contínua de matéria e energia, isso sugere que todos nós fazemos parte de uma intrincada teia inseparável de relações. O mundo mecânico ficou para trás. Um novo paradigma faz-se necessário.

Referências

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

EAGLEMAN, David. **Incógnito**: as vidas secretas do cérebro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

EPICURO. **As luzes da ética**. Tradução: João Quartim de Moraes. Salvador: Moderna, 1998.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. São Paulo: Editora Objetiva, 1995.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2014.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PINHEIRO, Marta. Comportamento humano: interação entre genes e ambiente. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 10, p. 53-57, 1994. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440601994000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 abr. 2020

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem das desigualdades entre os homens**. São Paulo: Penguin, 2017

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor e da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VERSIGNASSI, Alexandre; REZENDE Rodrigo. **O melhor da super**. São Paulo: Abril, 2012.

WINSTON, Robert. **Instinto humano**. Porto Alegre: Editora Globo, 2010.